

A FRAGMENTAÇÃO DA IDENTIDADE NA FIGURA DOS RETORNADOS DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

The identity fragmentation on the Portuguese Returnees of António Lobo Antunes

DOI: 10.14393/LL63-v36n2-2020-13

Daniella Sigoli Pereira *

RESUMO: António Lobo Antunes, escritor português contemporâneo, tem sido um nome que não se pode ignorar quando a temática é a representação de Portugal e dos portugueses pós Revolução dos Cravos, pois nos apresenta uma escrita que lida com um enfrentamento necessário e fundamental do que se viveu durante os mais de quarenta anos do governo totalitário estabelecido por Salazar dos anos de 1933 a 1974. Lobo Antunes retrata o vazio que emerge nesse contexto a partir de um olhar amargo e irônico, numa espécie de revelação do que, verdadeiramente, restou Pós-Revolução 25 de Abril. No presente estudo, focaremos nesse tema a partir do ponto de vista dos retornados, do seu estigmatismo social e dos seus desajustes identitários que aparecem nas obras que compõem a trilogia inaugural do escritor supracitado.

PALAVRAS-CHAVE: António Lobo Antunes. Identidade. Retornados. Salazarismo.

ABSTRACT: António Lobo Antunes, a contemporary Portuguese author, has been a name that cannot be ignored when the theme is the representation of the Portuguese and Portugal after the Carnation Revolution. He provides us with a writing which addresses an essential and indispensable confrontation of what occurred over the forty years of Salazar's totalitarian governance between 1933 and 1974. Lobo Antunes describes the emptiness that emerges in this context from an ironic perspective, revealing what has truly remained after 25th April Revolution. In this article, the theme is approached from the point of view of the Portuguese returnees and their social stigmatism and their identity misfit shown on the author's inaugural trilogy.

KEYWORDS: António Lobo Antunes. Identity. Returnees. Salazarism.

* Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). ORCID: 0000-0002-1607-1298. E-mail: danielaspereira(AT)hotmail.com

1 Introdução

António Lobo Antunes, escritor português, cuja obra de estreia, *Memória de elefante*, é publicada em 1979 tem sido um nome que não se pode ignorar quando a temática é a representação de Portugal e dos portugueses pós Revolução dos Cravos. Assim como vários de seus contemporâneos, como José Saramago, Augustina Bessa Luís, Mário Cláudio, entre outros, Lobo Antunes nos apresenta uma escrita que lida com um certo enfrentamento necessário e fundamental do que se viveu durante os mais de quarenta anos de um governo totalitário como o estabelecido por Salazar e, de algum modo, defendido e preservado por parte da nação portuguesa dos anos de 1933 a 1974.

O processo de colonização em África, que se dá de 1926 a 1974, autorizado e, de algum modo, melhor engendrado a partir do Ato Colonial, lei constitucional que definiu as formas de relacionamento entre a metrópole e as colônias portuguesas em 1930, estabelece-se durante todo o Estado Novo e é fundamental para a manutenção econômica desse governo. Com o enfraquecimento e posterior queda do Salazarismo, ocorre a marcha apressada e desorganizada de retirada das tropas portuguesas do continente africano.

Assim sendo, não só a morte do Estado Novo é problemática, como o processo de descolonização em África também o é. Houve uma independência imediata e caótica dos países colonizados (em parte causada pela guerra no Ultramar iniciada em 1961; em parte pelo desejo dos militares de regressarem a Portugal), tal urgência fez com que tais países não tivessem um tempo progressivo para organizarem suas estruturas administrativas que seriam demandadas em tal processo. Como consequência, o pesquisador Manuel Cândido Pimentel (2008, p.18) observa que: “o abandono das províncias ultramarinas deixou sem proteção milhares de famílias portuguesas que viviam em África, afundou Angola e Moçambique na miséria e na guerra civil e permitiu a invasão de potências estrangeiras, sendo o mais dramático dos casos o do Timor-Leste”.

Ora, Portugal tinha de encarar qual discurso apresentaria para o mundo: o da realidade nacional tenebrosa porque houve perseguição, excluídos e o estigmatismo social dos retornados; ou o do paradigma da revolução exemplar, sem crueldade, opressão ou abandono. Ao que parece, como aponta Pimentel (2008, p.20), a segunda opção foi a escolhida: “No fim do milênio anterior e no início de um novo milênio, Portugal padeceu, de fato, o seu apocalipse

[...] Como restituir ao mito a verdade profética de um Vieira? Como preencher o vazio de um Portugal, fitando-se a si no nada de si mesmo?”.

Esse desencantamento surge, é claro, em face do que fica quando Salazar cai do poder, ou seja, um país marcado por um certo atraso técnico; um país, em parte, habitado por retornados que não conseguem se reintegrar à ordem social das coisas e um país que tem de encarar a realidade marcada pela injustiça que acompanha seu passado.

2 Desenvolvimento

É tal vazio que Lobo Antunes retrata e inevitavelmente preenche não com um olhar ou construção positiva ou idealista, mas antes com um olhar de amargura e ironia, numa espécie de revelação do que verdadeiramente restou Pós-Revolução 25 de Abril. Neste estudo que ora se apresenta, focaremos na figura dos retornados, no seu estigmatismo social e nos seus desajustes identitários que aparecem nas obras que compõem a trilogia inaugural do escritor Lobo Antunes, composta pelos livros *Memória de elefante*; *Os cus de Judas* e *Conhecimento do inferno* e podem ser lidas como três narrativas independentes ou, como optamos por fazer neste estudo, como três narrativas que nos contam a trajetória de uma mesma personagem, já que todas fazem referência à figura de um médico português ex-combatente na Guerra colonial que, no momento presente da narrativa, encontra-se de volta em Portugal, experienciando a angústia e solidão de um casamento rompido, o afastamento das filhas, a descrença na profissão psiquiátrica por ele exercida, as memórias do horror da Guerra e o desajuste de um despaisado que já não encontra seu lugar no espaço luso e na identificação com seus conterrâneos.

A construção narrativa do autor, muitas vezes marcada pela polifonia ou pelo monólogo interior, permite que tenhamos acesso a um olhar crítico, amargo e desencantado para a realidade dessa personagem que, de algum modo, ao retornar ao seu país de origem não encontra mais lugar de pertencimento. Ao mesmo tempo que não consegue se identificar com o território Africano para o qual foi enviado durante vários anos, já que esteve no país não por escolha voluntária, defendendo causas com as quais não se identificava e muitas vezes diante de um ambiente de violência traumática que a situação de guerra instaura. Tal experiência da

Guerra fica ilustrada na passagem do terceiro livro de Lobo Antunes (2006), *Conhecimento do inferno*:

Em 1973, eu regressara da guerra e sabia dos feridos, do latir de gemidos na picada, de explosões, de tiros, de minas, de ventres esquartejados pela explosão das armadilhas, sabia de prisioneiros e de bebês assassinados, sabia do sangue derramado e da saudade, mas fora-me poupado o *Conhecimento do inferno*. (LOBO ANTUNES, 2006, p. 22)

Ora, o personagem que retorna após ter presenciado essas e outras cenas mais terríveis não pode e não consegue se reintegrar à ordem natural das coisas com facilidade, automatismo ou ignorância, já que, como ironicamente posto pela voz da personagem, a Guerra somente lhe poupou o amargo e extremo *Conhecimento do inferno* (que ele finalmente passará a conhecer quando retorna a Portugal), pois todo o horror que beira a isso lhe foi entregue e fica claramente estabelecido ao longo do romance que é impossível de ser esquecido.

É importante aqui pensarmos que esse não-pertencimento a um lugar, seja ele o território colonizado ou o território colonizador, está diretamente relacionado a uma certa fragmentação identitária do ex-combatente ou ex-colonizador. Isso porque quem vai e quem retorna já não pode ser considerado o mesmo, as experiências que separam essas duas identidades presentes na mesma figura são divisoras e voltar ao lugar de que se partiu já não é suficiente para que se retorne à vida que conhecia.

De um modo simplista, é importante lembrar, para análise da obra e da contextualização histórica, que a colonização em África feita pelos portugueses se dá primordialmente em duas frentes: a dos militares que vão à combate e a dos civis que vão com o fim de colonização e povoamento efetivos.

Para o combatente temos o problema do enfrentamento de quem matou e viu morrer, muitas vezes por razões para as quais era impossível conferir sentido. Já para aqueles que foram até África com o fundamento da povoação, o problema de identidade vai além ainda, ele está na natureza da divisão que se fez no território, pois como as pesquisadoras Maria Paula Meneses e Catarina Gomes nos afirmam há duas dimensões importantes a serem consideradas:

A primeira dimensão decorre de fortes processos identitários e de identificação pelos quais a população de origem metropolitana, especialmente a nascida nos territórios ultramarinos, se via como 'nacional'

desses mesmos territórios. [...] A inferiorização em relação ao colonizado não se dava apenas em relação a aquele de pele negra, mas também até sobre o de epiderme branca, ou seja, em relação ao branco nascido em Angola. Os metropolitanos consideravam-se 'branco de primeira' e os brancos angolanos eram tidos como 'branco de segunda', distinção esta inscrita até no bilhete de identidade[...]Uma segunda dimensão relativa à questão dos nacionalismos brancos diz respeito aos projetos rivais de independência de Angola e Moçambique, destinados a assegurar, como observado anteriormente, o poder branco e a exploração capitalista dos territórios (MENESES; GOMES, 2013, p. 87; 89).

Como podemos notar, a questão da identidade no processo de neocolonização se dá de forma extremamente complexa, pois há diferentes estratificações marcadas de formas extremamente subjetivas entre os próprios portugueses, entre os portugueses e os africanos e, finalmente, ainda que não abordado no nosso estudo, entre os próprios africanos. Portanto, mesmo dentro de África, há uma impossibilidade de integração de fato com a comunidade que os cercava. Por vezes, pessoas que dividiam o mesmo espaço ocupavam o papel de colonizados, de colonizadores e de colonizadores superiores da metrópole. Porém, quando já despojados desses papéis impostos pelo processo histórico colonial, uma grande lacuna emerge, pois o que restava a esses indivíduos enquanto anseios, ideologias e crenças autênticas?

Tal impossibilidade de efetiva comunicação e integração comunitária entre os indivíduos que ocupavam o mesmo espaço ou que dividiam o mesmo conflito social é posta no trecho de *Conhecimento do inferno* em que observamos a estadia de um negro de Luchazes, António Miúdo Catolo, em Portugal, quando é colocado num avião e levado ao país para receber uma condecoração:

Tinha fome, tinha sono, tinha vontade de urinar mas não podia deitar-se, porque os Luchazes só se deitam a seguir ao crepúsculo e o crepúsculo não vinha: depois do dia do sol seguiu-se o dia dos candeeiros, depois dos candeeiros, seguiu-se o dia do sol, e António Miúdo Catolo aproximou-se ansiosamente da janela para aguardar a noite [...] esteve setenta e duas horas em jejum, urinando-se de terror nas calças novas, com o nariz encostado à janela a que se colava um meio-dia sem fim. (ANTUNES, 2006, p. 19-20)

Estamos diante de uma tentativa clara de imposição cultural dos portugueses sob o negro africano que é trazido, quase à força, para a celebração de algo que não tem sentido efetivo para ele enquanto indivíduo e muito menos se pensarmos enquanto representante de

uma comunidade. Além disso, faz-se necessário que Miúdo Catolo use vestes que não correspondem aos seus costumes e que permaneça numa pensão trancado para que não “fuja” ou se “perca” na capital portuguesa. A estadia é torturante porque a realidade de Lisboa em muito se difere da realidade de Luchazes, a espera da noite, adiada pelas luzes artificiais, alerta para um dado cultural interessante: a escuridão é a prerrogativa para o repouso efetivo, como ela não é possível na capital Portuguesa, Catolo é entregue a um processo de vigília que o leva à exaustão extrema. Quando retorna a Luchazes, Catolo se reencontra com o médico português que está na sua cidade em missão e lhe explica algo que o lusitano nunca fora capaz de apreender sobre sua própria morada e sobre seus próprios conterrâneos. Tal percepção alertada por um negro Africano sobre Portugal interfere no modo como o médico, ao tentar retornar para sua vida comum no seu país de origem, compreende a dimensão do lugar em que sempre esteve “Foi em África, no país dos Luchazes, que eu soube que em Lisboa não existia noite[...] Em Portugal quase tudo, de resto, é a fingir, a gente, as avenidas, as casas, os restaurantes, as lojas, a amizade, o desinteresse, a raiva” (ANTUNES, 2006, p. 17/21).

A intersecção cultural aqui se faz de suma importância, pois a troca de olhares entre o negro africano, que sai de África, vivencia uma cultura díspar na metrópole e retorna à colônia, e um português, imerso na cultura africana e que em breve retornará à sua terra de origem, é uma das causas da manifestada fragmentação identitária que os retornados enfrentam quando da seu volta.

De certo modo, essa tal fragmentação se dá também porque, apesar de o diálogo entre os dois sujeitos existir, numa cena como a citada, e ser passível de compreensão entre as duas culturas que se encontram representadas na figura do médico combatente e na do negro de Luchazes, para muitos desses retornados a vivência que tiveram em África não foi a suficiente para que eles entendessem o outro espaço que ocuparam durante anos:

Que sei eu que durante vinte e sete meses morei na angústia do arame farpado por conta das multinacionais, vi a minha mulher a quase morrer do falciparum, assisti ao vagaroso fluir do Dondo, fiz uma filha na Malanje dos diamantes, contornei os morros nus de Dala-Samba povoados no topo pelos tufo de palmeiras dos túmulos dos reis Jingas, parti e regresssei com a casca de um uniforme imposta no corpo, que sei eu de África? (ANTUNES, 2009, p. 36)

Nesse trecho retirado do livro *Memória de elefante*, temos o médico protagonista se questionando sobre as suas vivências em África e sobre o que, de fato e verdadeiramente, pode ele afirmar que sabe do país. Suas vivências são marcadamente dolorosas, mas, ainda assim, o médico compreende a pequena e singular dimensão da sua experiência diante do todo cultural que abrange aquele país.

Ao mesmo tempo que é incapaz de se colocar no mesmo lugar de um africano que talvez possa melhor dimensionar todo o caos estabelecido após a chegada de Portugal no território, o médico também se vê impedido de uma identificação possível com seus conterrâneos portugueses que não foram obrigados a presenciarem os horrores da guerra, tal como fica claro no trecho abaixo:

Que sabe este caramelo de cinquenta anos da guerra de África onde não morreu nem viu morrer, que sabe este cretino dos administradores de posto que enterravam cubos de gelo no ânus dos negros que lhes desagradavam, que sabe este parvo da angústia de ter de escolher entre o exílio despaisado e a absurda estupidez dos tiros sem razão, que sabe este animal das bombas de napalm, das raparigas grávidas espancadas pela Pide, das minas a florirem sob as rodas das camionetas em cogumelos de fogo, da saudade, do medo, da raiva, da solidão, do desespero? (ANTUNES, 2009, p. 35)

O modo de tratamento que vai se rebaixando a cada pergunta retórica (caramelo; cretino; parvo; animal) demonstra também um certo ressentimento direcionado ao outro que representa metonimicamente o português ignorante das barbaridades cometidas em África. Tal ressentimento marca um descolamento estrutural e cultural muito importante e desagregador entre os que foram e os que ficaram. A comunicação e a partilha entre eles é, desse modo, quase impossível.

Outro ponto de intersecção cultural que também pode ser notado está na relação com a experiência temporal vivenciada em África, pois ela gera um despertar para que o sujeito português reaprenda a entender o tempo, que não é mais o tempo do relógio, mas é um tempo quase que em suspensão, já que suas vidas, ali, consistem em uma preocupação de sobrevivência:

Ao voltar da guerra, o médico, habituado entretanto à mata, às fazendas de girassol e à noção de tempo paciente e eterna dos negros, em que os minutos, subitamente elásticos, podiam durar semanas inteiras de tranquila expectativa, tivera de proceder a penoso esforço de acomodação interior a

fim de se reacostumar aos prédios de azulejo que constituíam as suas cubatas natais. (ANTUNES, 2009, p. 82)

O narrador de *Memória de elefante* deixa claro que há uma relação intrínseca entre o espaço em que o personagem está com o tempo que ele percebe. Enquanto estava em África, na guerra, o médico estava habituado a uma certa amplitude de espaços marcados pelas suas manifestações naturais, como a mata e as fazendas compostas por girassóis. Tal amplitude também se aplica ao tempo, estando em África, o médico se habituou à noção de tempo dos negros. É assim que o médico aprende que, em África, os minutos podiam durar horas inteiras de tranquila expectativa. Até mesmo a expectativa não se dá de modo ansioso e apressado, mas é calma.

Quando volta para Portugal, o médico tem de se reacostumar com o espaço e com o tempo modernos, em que tudo é muito rápido e comprimido. Habituarse novamente a isso, entretanto, não é algo simples, pois como o próprio narrador define, trata-se de um penoso esforço de acomodação interior, ou seja, é um processo que não se dá de modo natural, já que vem de um esforço, não é agradável também, tendo em vista que é penoso e artificial, já que a acomodação é interior e está relacionada com a percepção e a experiência do sujeito que tem de se familiarizar de novo com os prédios de azulejo como suas supostas habitações naturais. É interessante o jogo de palavras que o narrador utiliza no fim desse trecho, pois ele nomeia os prédios como cubatas. As cubatas são as choupanas em que os negros vivem em África, trazendo o aspecto do espaço abrangente e da sua manifestação na natureza. Em Portugal, as construções artificiais e encaixotadas tornaram-se o habitat estranhamente natural dos portugueses.

Em África, o médico tem de encarar uma percepção de tempo completamente diferente da concepção Ocidental. No ocidente, os dias se sucedem porque demorar-se significa desperdício ou distração, em África, apressar-se pode significar o fim da contemplação, como é discutido pelo professor português e pesquisador da obra de Lobo Antunes, Norberto do Vale Cardoso:

Haverá, em nosso entender, um objectivo nesse ponto coincidente em Assis Pacheco, Lobo Antunes e Manuel Alegre, que passará por fixar o tempo na memória, pois regressados da guerra os traumas persistirão, estarão eternamente presentes, como uma *Memória de elefante*. Por cruel que seja,

só essa recordação dará sentido à existência do combatente, pois a guerra encerra-o num tempo único, na impossibilidade de poder ter um outro tempo, um outro eu. Simplificando, nunca mais voltará a ser o que era e, no confronto com a realidade, esse será o seu único mundo, e só esse lhe dará existência, ainda que numa solidão que perpetua a guerra, capaz de o levar à loucura ou à anomia social. (CARDOSO, 2004, p. 69)

A experiência da guerra é a desencadeadora de vários conflitos que o sujeito ainda tem de viver no momento presente, pois vivências que o nosso protagonista experienciou lhe figuraram como violentas no sentido de que ele ainda não pôde dar significado fechado a elas, além disso, a própria percepção de ter se tornado um despaisado faz com que o sujeito tenha ainda mais a sensação de não pertencimento e de não adequação de que falamos ao longo do nosso estudo, pois, como bem afirma uma das mais importantes críticas portuguesas contemporâneas, Maria Alzira Seixo,

é impossível não considerar esta problemática da deslocação, da alteração de lugares e de identidades, da própria alteração subjectiva, como um sentido comum da literatura pós-colonial, e como um sentido muito específico na literatura portuguesa, de experiência da guerra ligada ao combatente compulsivo e contrariado nos anos setenta e oitenta, e que encontra na obra de António Lobo Antunes a sua expressão mais conseguida e mais dramática. (SEIXO, 2002, p. 31)

Esse deslocamento de espaços que a guerra colonial causou nos combatentes fez com que muitos deles, como é o caso do nosso protagonista, ao retornarem a Portugal, não encontrassem mais o que lá haviam deixado, pois eles também já não eram os mesmos de quando tinham partido, tal como se percebe no trecho seguinte de *Memória de elefante*:

Entre a Angola que perdera e a Lisboa que não reganhara o médico sentia-se duplamente órfão, e esta condição de despaisado continuara dolorosamente a prolongar-se porque muita coisa se alterara na sua ausência, as ruas dobravam-se em cotovelos imprevistos, as antenas de televisão espantavam os pombos na direção do rio obrigando-os a um fado de gaivotas, rugas inesperadas conferiam á boca das tias expressões de Montaignes desiludidos, a multiplicação de eventos familiares empurrava-o para a pré-história do folhetim de que dominava apenas os acidentes paleolíticos. (ANTUNES, 2009, p. 80)

O protagonista não só não se sente mais pertencente a um país que o fez participar de uma guerra para a qual não via significado, como também nunca pode se sentir pertencente

do país que ajudou a destruir. Essa sensação se aprofunda ainda mais quando volta a Lisboa porque tem de encarar seus conterrâneos de perto e se confrontar cotidianamente com a sua exclusão daquele mundo.

O médico vive, no momento presente, a condição de despaisado, pois, de um lado, não está mais em Angola que, deduzimos, ter feito parte da identidade patriótica do personagem enquanto esse esteve lá, por outro lado, ele não está na Lisboa que conhecia e que perdeu quando partiu para África. É justamente por isso que o verbo que utiliza para fazer referência a Portugal é *reganhara*. Tal recuperação não aconteceu com sucesso. Assim, o médico tem o sentimento de estar duplamente órfão.

Essa condição prolonga-se e se aprofunda ainda mais no médico porque há situações com que tem de se deparar quando volta para Portugal que o assombram pelas mudanças que ocorreram enquanto estava ausente. Para a construção da descrição dessas mudanças, o narrador utiliza-se de metonímias. Agora, as ruas se dobram em cotovelos imprevistos, ou seja, as ruas de Portugal o levam a deparar-se com pessoas estranhas com as quais o médico já não é capaz de partilhar nenhum tipo de reconhecimento. O narrador enfoca uma parte do corpo que, geralmente, é lembrada pela hostilidade, os cotovelos. De certa forma, simboliza bem a relação que o médico estabelece com seus conterrâneos quando retorna.

As rugas das tias aparecem-lhe como inesperadas e revelam, para ele, expressões de Montaignes desiludidos. A figura de Montaigne aparece aqui, talvez, pela forma como retratado, com um ar misto de seriedade e ceticismo e que, em suas tias, ganhavam a qualidade da desilusão. A presença das tias nos traz a descrição dos eventos familiares que se multiplicavam desde seu retorno a Portugal e que se configuravam como a pré-história do folhetim. A ideia do folhetim caracterizado como pré-histórico dá ao tom das reuniões familiares uma mentalidade conservadora que o narrador coroa ao afirmar que o psiquiatra só dominava os acidentes paleolíticos, que nos remetem ao tempo dos homens das cavernas e passaram longos períodos marcados por temperaturas violentamente frias. Dominar somente esses aspectos desse período histórico, frieza e brutalidade, diz muito, simbolicamente, da personalidade do médico.

Esse deslocamento de lugares é tão profundo e confuso para o combatente que ele vive um eterno desapontar-se com o local em que está inserido. Há uma desidentificação com África,

pois não é dali que foi sua origem e, ao mesmo tempo, o reencontro com Portugal decepciona porque a vivência em África o alerta para a pequenez simbólica das pessoas e do país como um todo. Temos isso ilustrado no conflito da personagem no livro *Os cus de Judas*, quando já em África, no caminho para Luanda, afirma quase que num ato de resistência e de permanência identitária lusitana que

Não te pertença nem me pertences, tudo em ti me repele, recuso que seja este o meu país, eu que sou homem de tantos sangues misturados por um esquisito acaso de avós de toda a parte, suíço, alemães, brasileiros, italianos, a minha terra são 89000 quilômetros quadrados com centro em Benfica na cama preta dos meus pais. (ANTUNES, 2010, p. 78)

Esse ato de enumerar as várias nacionalidades que compõem sua formação identitária e de, ao mesmo tempo, recusar-se a incorporar a africana entre elas é simbólico, forte e quase faz acreditar que é possível ao médico permanecer com as mesmas raízes portuguesas com as quais partiu. Porém, algumas páginas à frente, quando flagramos o retorno definitivo do médico ao seu país, damos conta de que isso não acontece:

A minha lembrança grandiosa de uma capital cintilante de agitação e de mistério copiada de John dos Passos, que alimentara fervorosamente durante um ano nos areais de Angola, encolhia-se envergonhada defronte de prédios de subúrbio onde um povo de terceiros-escriturários ressonava entre salvas de casquinha e ovas de crochet. (ANTUNES, 2010, p. 83)

A constatação do país que o recebe na volta é decepcionante, pois o olhar agora já é crítico e disfórico. Após dois anos e três meses na guerra, o médico retorna a Portugal e o sentimento de não pertencer a lugar algum o aflige. Claro é que essa aflição não se localiza somente nos aspectos externos dessa desagregação de identidade, entre onde se viveu e para onde se retorna, mas também e fundamentalmente entre quem se foi e quem se é. Ele esboça tal conflito em sua narrativa ao afirmar:

Queria desesperadamente ser outro, sabe, alguém que pudesse amar sem vergonha e de que os meus irmãos se orgulhassem, de que eu próprio me orgulhasse ao observar no espelho da barbearia ou do alfaiate o sorriso contente, o cabelo loiro, as costas direitas, os músculos óbvios sob a roupa, o sentido de humor à prova de bala e a inteligência prática. Irrita-me este invólucro inábil e feio que é o meu, as frases enroladas na garganta, a falta de lugar para as minhas mãos defronte das pessoas que não conheço e me

amedrontam. Irrita-me o receio que tenho de si, de lhe desagradar.
(ANTUNES, 2010, p. 168)

Aqui mais uma vez a presença da solidão emerge da inadaptação do sujeito ao seu local de origem e do seu reencontro com seus conterrâneos. A presença da solidão, portanto, é muito comum na trajetória desses personagens marcados pela ida até África e pelo retorno até Portugal. Quando o médico psiquiatra retorna ao seu país e não encontra o que lá deixou quando partira ou já não se encontra naquilo que está exatamente igual ao que deixara, ele só pode figurar seus conterrâneos e toda a coletividade portuguesa como integrantes de um país ao qual já não é possível pertencer.

Podemos relacionar a solidão diretamente com a perda da identidade que é nacional, sobretudo, mas que também causa fissuras irrecuperáveis na identidade social. O sujeito se desintegra de tal forma de quem se era, que até mesmo o retorno ao seio familiar, que deveria ser um local de amparo e acolhimento, se torna, na verdade, mais um espaço de dissociação. Vemos isso com a esposa, filhas, colegas de trabalhos e conterrâneos desconhecidos. Isso ocorre porque ao tentarem dar voz às experiências traumáticas que tiveram, os personagens sempre falham, pois a vivência se torna impossível de ser convertida em comunicação verbal fluida e clara para o ouvinte. Narrar o que se viveu é uma tentativa de sobreviver e se reintegrar, mas, como bem lembra Selligman-Silva, um aspecto importante é que o “[...]teor de irrealidade é sabidamente característico quando se trata da percepção da memória do trauma. Mas, para o sobrevivente, esta “irrealidade” da cena encriptada desconstrói o próprio teor de realidade do restante do mundo” (2008, p. 69), que faz com que as próprias personagens duvidem da sua apreensão sobre aqueles acontecimentos, já que muitos deles lhes parecem, assim como a nós mesmo quando olhamos com um certo distanciamento, incompreensíveis e injustificáveis.

Em conclusão, a solidão realça ainda mais o desajuste do personagem em relação ao mundo que o cerca, tornando seus sofrimentos e conflitos mais intensos e confusos. Escrever sua própria história como forma de elaborar esses conflitos e figurá-los poeticamente por meio da narrativa é uma ação marcada pela solidão, pela reflexão interior e por um confronto direto consigo mesmo. Como a pesquisada Ana Paula Silva aponta:

As mudanças pelas quais passou o narrador-personagem o confundem no que diz respeito à sua identidade, pois suas convicções políticas e ideológicas se alteraram após a participação na Guerra Colonial e ele perdera suas

referências, que eram pautadas pela família, pela religião e pelos valores de um nacionalismo ufanista. Enfim, o narrador não se reconhece mais, após a participação na Guerra, como mesmo jovem incauto que saíra de Lisboa em direção à África. (SILVA, 2012, p. 72)

De fato, quando retorna a Portugal, o psiquiatra já não é mais o mesmo, não encontra o que deixou quando sai do país e custa a reencontrar laços a que possa se prender. É assim que as filhas e o emprego no hospital lembram-no de quem ele é e tornam a realidade um pouco menos insuportável. Porém, a profissão e o local de trabalho, desde a Guerra, não são sinônimos de satisfação profissional e pessoal para o médico. O afastamento que experimenta com as filhas desde o divórcio faz com que eles não possuam uma relação de partilhas intensas e constantes. Além disso, nem sempre o médico é capaz de dizer seu sentimento a elas.

3 Considerações finais

Percebemos por essa breve análise da trilogia que inaugura a publicação editorial de Lobo Antunes que a fragmentação, perda da identidade, ligada à nação é de suma importância para uma melhor compreensão de vários de seus personagens. Ainda que não seja sempre essa a temática, ainda que muitos dos seus personagens não componham exatamente a figura dos retornados, a presença da pátria enquanto local que mais isola do que acolhe esses indivíduos é recorrente na escrita do autor português.

Para o professor e pesquisador Tomaz Tadeu da Silva, a criação de uma identidade nacional é de suma importância porque como bem diz

No caso das identidades nacionais, é extremamente comum, por exemplo, o apelo aos mitos fundadores. As identidades nacionais funcionam, em grande parte, por meio daquilo que Benedith Anderson chamou de ‘comunidades imaginadas’. Na medida em que não existe nenhuma ‘comunidade natural’ em torna da qual se possam reunir as pessoas que constituem um determinado agrupamento nacional, ela precisa ser inventada, imaginada. É necessário criar laços imaginários que permitam ‘ligar’ pessoas que, sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados, sem nenhum ‘sentimento’ de terem qualquer coisa em comum. (SILVA, 2000, p. 85)

É fundamental compreendermos que esses indivíduos estão isolados e não encontram amparo em outras instituições que de algum modo poderiam suprir essa falta de identificação

com o discurso nacionalista. A família e os laços fraternos já ruíram como vemos nesse trecho de *Os cus de Judas*:

Há onze meses que não sei o que é um corpo ao pé do meu corpo e o sossego de poder dormi sem ansiedade, tenho uma filha que não conheço, uma mulher que é grito de amor sufocado num aerograma, amigos cujas feições começo inevitavelmente a esquecer, uma casa mobiliada sem dinheiro que não visitei nunca tenho vinte e tal anos, estou a meio da minha vida e tudo me parece suspenso à minha volta como as criaturas de gestos congelados que posavam para os retratos antigos. (ANTUNES, 2010, p. 77)

Aqui percebemos que a instituição familiar desmorona com o divórcio e o afastamento definitivo das filhas. A possibilidade de vivenciar um novo amor é quase inalcançável no momento em que a história nos é narrada, já que faz onze meses que o personagem não encontra outro corpo ao seu lado na cama. Além disso, o esquecimento da feição dos amigos denuncia um isolamento social até mesmo nas relações fraternas.

O trabalho é também uma falsa promessa de sanidade como notamos na passagem a seguir de *Conhecimento do inferno*:

O inferno, pensou, são os tratados de Psiquiatria, o inferno é esta estupidez de comprimidos, esta incapacidade de amar, esta ausência de esperança, esta pulseira de esconjurar o reumatismo da alma com uma cápsula à noite, uma ampola bebível ao pequeno almoço e a incompreensão de fora para dentro da amargura e do delírio. (ANTUNES, 2006, p. 52)

O médico que acompanhamos entende, no momento presente, a psiquiatria como uma grande farsa incapaz de, de fato e verdadeiramente, amparar os seus doentes com distúrbios mentais. Esse entendimento decorre muito da insensibilidade que encontra dentro do Hospital Miguel Bombarda em Portugal, em que vê doentes e médicos encarcerados, tratando problemas a angústia de suas existências com simples pílulas ou ampolas.

Por fim, até mesmo a instituição religiosa parece, ainda que de forma secundária nesses livros, degradada tal como se lê em *Memória de elefante*:

No regresso a casa o psiquiatra era por seu turno catequizado (“O menino reze para não haver uma revolução que esta gentinha é bem capaz de nos matar a todos”), enquanto lhe explicavam que Deus, ser conservador por excelência, assegurava o equilíbrio das instituições [...]. (ANTUNES, 2009, p. 69)

Aqui temos a presença da religiosidade que é ensinada ao protagonista desde sua infância e regida por valores extremamente conservadores, marcada pela figura de um Deus que regularia a luta de classes e que impediria o surgimento de uma revolução capaz de derrubar a ordem estabelecida pelas classes mais beneficiadas pelo Salazarismo e sua manutenção. É um Deus, portanto, que atende muito ironicamente aos interesses de certos núcleos sociais e que, claro, na vida adulta do personagem se esvazia completamente de sentido para ganhar traços irônicos e descrentes.

Como vamos percebendo ao longo desses livros, África não é só um país estrangeiro, mas faz parte, hoje, da interioridade desse personagem que retorna. Lembrar do que houve lá é também lembrar do que vivenciou lá. Lugar em que presenciou pessoas a morrerem, em que teve de escolher, num beco sem saída, entre ser definitivamente exilado do país ou ser testemunha de uma guerra para a qual não via sentido, em que teve de experimentar de modo irremediável todos esses sentimentos. Reencontrar-se diante dos escombros lá deixados ou se reestabelecer diante de um discurso nacional tendencioso deu aos retornados a chance de escolher onde não há escolhas. Com todas as histórias inventadas e repassadas de geração em geração, a crise identitária é, por fim, um rascunho para a perda de si mesmo e do país. Lobo Antunes, ao escrever sobre isso, faz um enfrentamento necessário do discurso histórico oficial e nos apresenta uma tentativa de expurgo daquilo que mais rechaça nesses anos de governo Salazarista e que ainda encontrou forma de não se findar nas raízes lusitanas.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

ANTUNES, A. L. **Memória de elefante**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ANTUNES, A. L. **Conhecimento do inferno**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

ANTUNES, A. L. **Os cus de Judas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

MENESES, M. P.; GOMES, C. Regressos? Os *retornados* na (des)colonização Portuguesa. In: MENESES, M. P.; MARTINS, B. S. (Org.). **As Guerras de Libertação e os sonhos coloniais**: alianças secretas, mapas imaginados. Coimbra: Almedina, 2013. p. 59-107.

PIMENTEL, M. C. O Mito de Portugal nas suas raízes culturais. In: LAGES, M.; MATOS, A. T. (Coord.). **Portugal**: Percursos de Interculturalidade. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2008. p. 7-50.

SEIXO, M. A. **Os romances de António Lobo Antunes**. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o trauma – A questão do testemunho das catástrofes históricas. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000100005>

SILVA, A. P. **Aprendizagem da agonia em *Os cus de Judas*, de António Lobo Antunes**. 2012. 105f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, Minas Gerais. Disponível em: <http://www.locus.ufv.br/handle/123456789/4855>. Acesso em: 10 jan. 2016.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T.T. (Org.) HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.